

Diálogos entre saberes tradicionais e acadêmicos na formação inicial de professores de Química

Dialogues between traditional and academic knowledge in initial teacher education

Elizabeth Detone Faustini Brasil

Universidade Federal do Espírito Santo

elizabethfaustini@gmail.com

Patricia Silveira da Silva Trazzi

Universidade Federal do Espírito Santo

patriciatrazzi.ufes@gmail.com

Gerda Margit Shütz Foerste

Universidade Federal do Espírito Santo

gerdafoerste@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de mediação de saberes tradicionais e acadêmicos entre um grupo de professores em formação inicial e “raizeiras” de comunidades quilombolas da Cidade de São Mateus, ES. A pesquisa teve natureza qualitativa e participante em que um grupo de professores em formação inicial atuou como pesquisadores junto a comunidades quilombolas da região, procurando um diálogo entre os saberes tradicionais e os saberes acadêmicos na graduação. Os resultados apontaram que o envolvimento dos professores em formação inicial com os saberes e práticas tradicionais e o diálogo destes com os saberes acadêmicos potencializou a formação inicial dos mesmos e ampliou o campo de visão acerca da importância da inter-relação destes saberes na formação inicial.

Palavras chave: formação inicial, saberes tradicionais, saberes acadêmicos

Abstract

This article aims to analyze the process of mediation of traditional and academic knowledge among a group of teachers in initial formation and “raizeiras” of “quilombola” communities of the City of São Mateus, ES. The research had a qualitative and participatory nature in which a group of teachers in initial formation acted as researchers in the “quilombola” communities of the region looking for a dialogue between the traditional knowledge of the “quilombola” communities and the academic knowledge learned in the undergraduate course. The results showed that the involvement of teachers in initial formation with the traditional knowledge and practices and their dialogue with the academic knowledge increased the initial

formation of the same and extended the field of vision about the importance of the interrelation of these knowledge in the initial formation.

Key words: initial training, traditional knowledge, academic knowledge

Introdução

Segundo Boaventura, precisamos urgentemente enfrentar o desperdício das experiências sociais que é o mundo, apontando as contradições e as produções de ausências, que reduz a realidade. Isto porque provoca a morte dos conhecimentos alternativos e “[...] descredibiliza não somente os conhecimentos alternativos, mas também os povos, os grupos sociais, cujas práticas são construídas nesses conhecimentos alternativos” (SANTOS, 2007, p. 29). O autor argumenta que muitas práticas sociais estão baseadas em conhecimentos populares, saberes indígenas e camponeses, como também urbanos, mas que não são considerados válidos, importantes ou rigorosos. Ou seja, são invisíveis. Essa monocultura do rigor possui história, a do projeto de expansão e colonização europeia, a da ciência moderna ocidental.

No entanto, o diálogo entre os saberes científicos e os saberes tradicionais possuem um histórico de resistências, conflitos e incompreensões na história da ciência (CHASSOT, 2000). Para o autor, apesar de se configurarem como saberes diferentes, as discussões no campo da educação, apontam para a necessidade de se buscar uma valorização dos saberes populares e tradicionais, criando uma relação de respeito e conscientização da função política e pedagógica desses saberes nas escolas. Destaca como obstáculos a serem superados na formação inicial, o cientificismo¹ e o presenteísmo². Nesse sentido, tem defendido, em seus trabalhos, a pesquisa como princípio pedagógico na formação inicial de professores, como forma de construir pontes entre saberes acadêmicos e saberes populares.

Segundo Almeida (2010), os saberes da tradição expressam contextos, narrativas e métodos distintos dos saberes acadêmicos e também distantes do senso comum. Ressalta a importância da complementariedade entre saberes científicos e da tradição e na emergência de um intelectual que articule a dupla face do conhecimento. Para a autora, a hegemonia dos saberes científicos sobre os saberes da tradição e a incomunicabilidade entre eles constitui um dos problemas cruciais do nosso tempo.

Diante do exposto, indagamos: como estabelecer diálogos entre os saberes tradicionais locais e os saberes acadêmicos na formação inicial de professores? Uma das formas, seria aproximando os professores em formação inicial do grupo social que tradicionalmente e culturalmente durante anos construíram esses saberes. Neste sentido, este artigo tem como objetivo analisar o processo de mediação de saberes tradicionais e acadêmicos entre um grupo de professores em formação inicial e raizeiras de comunidades quilombolas da Cidade de São Mateus, ES.

Metodologia

Para alcançarmos este objetivo, propusemos uma pesquisa participante (Brandão, 2006), na qual os professores em formação inicial atuaram na qualidade de copesquisadores, formando

¹ Crença exagerada no poder da ciência, atribuindo efeitos somente benéficos à mesma; ciência ensinada como representação única do mundo; lógica absoluta que conduz a uma única verdade da natureza (CHASSOT, 2016).

² Vinculação exclusiva ao presente sem enraizamento com o passado e a história; sem perspectiva para o futuro (CHASSOT, 2016).

um coletivo investigador. Apostamos no caráter formativo da pesquisa participante, não somente como metodologia, mas também como princípio pedagógico para construção do conhecimento, a ser introduzido e vivenciado na formação inicial docente (BRANDÃO, 1999, 2003, 2006).

A pesquisa envolveu quatorze professores em formação inicial do curso de Licenciatura Química, uma professora- formadora e a professora-pesquisadora durante o primeiro semestre de 2018 no Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo (CEUNES/UFES), município de São Mateus, norte do estado do Norte do Espírito Santo.

A cidade São Mateus, a segunda mais antiga do ES, guarda histórias de um passado escravocrata, quando funcionou como local do comércio e das transações de escravos, que eram trazidos nas embarcações para trabalhar nas fazendas dos barões e senhores de terras. Atualmente, a região possui cerca de 33³ comunidades quilombolas e é um palco de memórias, onde os diferentes discursos sobre as comunidades se entrecruzam.

Em uma perspectiva de pesquisa participante, que busca priorizar o diálogo nas interações entre sujeitos-sujeitos participantes da pesquisa, o grupo de 14 professores em formação inicial foi dividido em 4 grupos de investigação. Os grupos produziram dados com base em entrevista semiestruturada gravada em áudio aplicada a uma raizeira da comunidade local e a partir das anotações em diário de campo das professoras em formação inicial.

Seguimos o protocolo de ética em pesquisa com seres humanos (Conep 196/96 – Comitê de Ética em Pesquisa) ao assumirmos o compromisso de preservar as identidades e integridade dos sujeitos envolvidos.

Análise dos dados

Os dados foram analisados levando em consideração categorias de análise estabelecidas por Brandão (2017), as quais envolve quatro patamares: *a) Práticas do Fazer* (dançar, cantar, rezar, benzer, plantar, colher, cozinhar ...); *b) Éticas do Agir* (quem faz a cada momento, o que, frente a quem, de que maneira), ou seja, a dimensão do “como agir corretamente”; *c) Lógicas do Pensar* (o que se faz no consciente da cultura); *d) Trocas do Saber* (todos os outros patamares são entrelaçados num fluxo contínuo de interações e trocas). Segundo o autor, esses patamares não são estanques, nem lineares, podendo entrecruzarem-se em um fluxo contínuo no decorrer do processo (BRANDÃO, 2017).

Análise dos dados

Enunciados e sentidos produzidos pelas raizeiras e professores em formação inicial sobre os saberes tradicionais e acadêmicos de plantas medicinais

Com o objetivo de analisar o processo de mediação de saberes tradicionais e acadêmicos entre um grupo de professores em formação inicial e raizeiras de comunidades quilombolas, realizamos uma visita a uma comunidade quilombola local e conversamos com a raizeira Jandira sobre as práticas de uso das plantas medicinais nas comunidades. Enquanto andava pelo quintal, Jandira resgatava suas memórias, compartilhando seus saberes e suas histórias sobre as plantas medicinais na comunidade. Assim, identificamos, nas falas de Jandira, os

³Em *Inventário de referências culturais* das comunidades quilombolas do norte do Espírito Santo, foram contempladas 33 comunidades do chamado território quilombola do Sapê do Norte. OLIVEIRA, Martins de. Comunidades Quilombolas no Estado do Espírito Santo. *Ruris*, v. 5, N. 2, setembro de 2011, p. 157.
Diferença, multiculturalismo, interculturalidade

patamares *Práticas do Fazer, Éticas do Agir, Lógicas do Pensar e Trocas do Saber* imbrincados de tal forma que, os enunciados somente faziam sentido se pensados conjuntamente em uma rede de significados. A seguir, está um recorte desses enunciados.

O que a gente usava muito era a arruda, usava a folha ...pegava em qualquer época. Só que...o problema da arruda...se tiver uma pessoa que tem a mão meio carregada... só de colocar a mão, ela seca. Ela tem um mistério...essa arruda...pegava a folha ...botava a água para ferver depois que a água estiver fervendo, desliga e joga a folha dentro e abafa para fazer o chá pra tomar. Esfriou...tá bom. A folha também ...muitas vezes jogava as folhinhas na água para dar banho na criança, quando estava quebradinha [*desanimada*]... (RAIZEIRA JANDIRA).

Neste trecho, a raizeira enfatiza as práticas do fazer (o uso da arruda, a forma de fazer o chá, colocar na água do banho da criança), a ética do agir (não pode estar com a mão carregada), lógica do pensar (podia plantar em qualquer época). E entremeadado com estas lógicas estavam as trocas do saber entre ela e o grupo de pesquisadores. Enquanto mostrava as plantas que restaram no quintal, a raizeira Jandira seguiu falando seus nomes populares e usos “Para verme...era erva-santa, uns trata de erva-de-santa-maria, outros, mastruz. A gente fazia que era tanto para tomar banho e tomar o chá pra verme”.

Falou também sobre os usos das plantas medicinais e suas propriedades e rituais “[...] e essa miudinha ali...é alfazema...ela é que é bom para febre, para dor de cabeça...eu tenho alfazema ainda, pé de amora...a folha da amora é boa para a idade da mulher, a menopausa...bom para a pressão alta”.

Nascida na comunidade, Jandira lembrou que antes não havia médico, que aprendeu com a mãe e avós os segredos das plantas e que, até uns quarenta anos atrás, muitas daquelas plantas medicinais eram encontradas com fartura nas comunidades, na natureza e no entorno.

[...] não existia remédio né...a gente aprendeu muitos remédios ...muitos chás. A parteira era diferente...os raizeiros já eram outros né...minha mãe sabia porque na época da mãe dela todo mundo já tinha aqueles remédios plantados para aquilo (RAIZEIRA JANDIRA).

Em suas lembranças, Jandira falou da biodiversidade local e dos impactos das ações do homem sobre a natureza. Ressaltou como a monocultura do eucalipto, a seca e o uso de agrotóxicos contribuíram para o desaparecimento de várias espécies nativas de plantas medicinais, restando umas poucas ainda no quintal. Com o desaparecimento das plantas medicinais nativas, observamos que os saberes tradicionais estão cada vez mais invisibilizados nas comunidades.

Igual a marcela [...] é aquela quando a criança tá nascendo o dente, dá um banhozinho e um pouquinho para beber. Põe pra cozinhar e fazer aquele molhinho...é bom pra dor de estômago, gastrite...pra gripe tipo sinusite...Tem lugar que ela ainda existe...eles catam as florzinhas ...Bom para gastrite, dor de estômago, lavar a cabeça. Esses remédios todinhos...era remédio caseiro bom... mas agora...aqui não tava esse mato todo aí ...caçava aí dentro, tudo tinha...mês de setembro que dava aí. Mas agora...não tá tendo... esses matos comeu tudo...o lugar do sapê. Lugar do Sapê do Norte era da natureza, tinha córrego, água a vontade. Muitas eram da natureza ...outros...de plantio (RAIZEIRA JANDIRA).

No entrecruzamento das *Práticas do Fazer, das Éticas do Agir, das Lógicas do Pensar e das Trocas do Saber*, as falas das raizeiras evidenciaram seus saberes tradicionais das plantas medicinais. Assim, a cultura não é e não está em apenas em um desses momentos, mas supõe

um entrelaçamento de saberes, símbolos, significados de vida, ideologias, preceitos religiosos, visões de mundo.

Em outro momento da pesquisa, evidenciamos as falas de uma das professoras em formação inicial sobre suas experiências de pesquisa com os saberes tradicionais de plantas medicinais mediados pelos conhecimentos científicos. Nesta interação, procuramos evidenciar a produção de sentidos e a ressignificação de experiências vivenciadas durante a pesquisa e que remeteram a lugares já esquecidos na memória da professora.

A professora em formação inicial, que chamaremos de Ivone, nascida na comunidade e descendente de quilombolas, relata em seu diário de campo, que sempre foi muito curiosa e que gostava de colecionar e seguir os “rastros” de sementes das plantas que encontrava em suas andanças pela cidade: Durante a pesquisa, na busca de respostas para seus questionamentos e aos dos grupos, Ivone dialogou com as circunstâncias, reascendendo suas lembranças com relação à semente popularmente conhecida como “*olho-de-boi*”.

Minha história com essa planta (“olho-de-boi”): Sempre achei que a semente desta planta era artificial, e sempre tive uma na bolsa. Descobri que era uma planta, quando numa destas minhas visitas de coletas de sementes, achei uma. Achei que era sorte e em seguida achei muitas mais. Parti para pesquisas de sites, porém, na pressa, não observei que tipo de árvore era, achei que era uma árvore de tronco grosso. Descobri há pouco que é uma espécie de trepadeira, porém se enrosca em grandes árvores; as sementes caem do alto. Estou aprendendo popularmente seus benefícios, tempo de floração, amadurecimento do fruto. Quero seguir seus rastros nas pesquisas e no uso tradicional (IVONE, PROFESSORA EM FORMAÇÃO INICIAL).

Dessa forma, a pesquisa contribuiu para que Ivone potencializasse seus mecanismos cognitivos e afetivos, dando sentido e direção ao seu desenvolvimento pessoal, no sentido de assumir, com autonomia, seu processo de autoformação. Demonstrando a importância de interação com os saberes tradicionais locais, Ivone relata seu aprendizado com as raizeiras, pessoas idosas da comunidade, a partir da troca de saberes que envolve as *Práticas do Fazer, das Éticas do Agir e as Lógicas do Pensar*,

Ouvindo pessoas mais antigas, como Maria Amelia (raizeira), uma senhora de 67 anos nascida e criada nos arredores da cidade de São Mateus, norte do ES, que tem um conhecimento natural de diversas plantas e ervas, e que não tinha conhecimento de que, aqui no bairro onde moramos, tinha uma árvore (ou mais) de pé-de-boi (coronha). Porém, sabia que ele era muito usado pelos antigos como remédio (as folhas em chás) (IVONE, PROFESSORA EM FORMAÇÃO INICIAL).

Assim, ressaltamos a importância do diálogo dos sujeitos, não só com suas ações investigativas, mas também como ação que promove a aproximação entre gerações mais jovens com os saberes das raizeiras da comunidade. Dessa forma, no exercício do diálogo entre gerações, a pesquisa buscou ser uma resistência ao presenteísmo e ao cientificismo.

Valorizando as pessoas, respeitando sua sabedoria popular: estive visitando Dona Tina [*nome fictício*] [...]. Numa conversa informal, ela mostrou muita boa vontade em falar dos seus conhecimentos de plantas e curas pelas rezas e deixou claro que está aberta a receber todos os que quiserem ouvir. Vi que a mesma tem uma verdadeira floresta de plantas curativas no quintal. Também estive com a filha de uma historiadora, para obter informações sobre o livro que fala de pessoas de nossa cidade com conhecimento de raízes. Falou que a mãe não chegou a publicar o livro. Porém, lembra bem

de Dona Luzia [*nome fictício*], senhora que cuidava das pessoas com seus xaropes, chás, rezas e simpatias, na década de 1970. Eu nasci na rua (da historiadora), porém, lembro vagamente de Dona Luzia, mas sinto o gosto e cheiro das plantas de seu quintal. Foi muito bom ouvi-las (IVONE, PROFESSORA EM FORMAÇÃO INICIAL).

Na interação, Ivone se refere a saberes perceptuais como cheiros, gostos e texturas, que relembram os saberes tradicionais de uma raizeira que fez parte de suas memórias de infância repletas de lembranças dos chás, xaropes, rezas e simpatias.

Em determinado momento da pesquisa, os grupos sentiram a necessidade de aprimorar seus saberes acadêmicos/científicos sobre as plantas medicinais. Assim, realizamos uma visita ao Herbário São Mateus/CEUNES, onde foi feita uma oficina, na qual tivemos orientações sobre a identificação e classificação de plantas. Foi uma oportunidade de realizar atividades como coleta, prensagem e secagem de plantas do entorno. Com a visita ao herbário, Ivone ampliou seu universo e teve acesso a saberes acadêmicos de seu interesse sobre as plantas (até antes desconhecidos) e que responderam muitos de seus questionamentos. Dessa forma, Ivone, em seus enunciados, evidenciou saberes tradicionais e acadêmicos como resultado de suas investigações sobre a semente olho-de-boi:

Estou tentando indentificar a árvore desta semente no local onde fiz a coleta de várias sementes, porém não tinha, até então, técnicas de observação válidas. O pessoal do herbário do Ceunes me deu dicas de coletas e de indentificação [aprendeu que] olho-de-boi: há diversos nomes populares. A semente tem uma casca grossa e dentro dela há uma castanha de cor clara que é, por muitos, usada para epilepsia. Porém, este remédio, quem tomar, não pode saber como é feito. Existem muitas outras espécies de olho-de-boi, inclusive no Brasil. Esta é a mais conhecida, porém há outras de tamanhos e formatos diferentes. Na medicina popular produz uma farinha ainda com o fruto verde para parasitose e formicida em muitas regiões do Brasil acredita-se que o olho de boi, usado como amuleto, afasta males espirituais, invejas e mal olhados. Já na medicina [referindo-se à medicina baseada na Ciência Moderna], é usada no tratamento de Mal de Parkinson, hipertensão, sequelas de derrame, também é afrodisíaco, para dores - pesquisa-se como um remédio que deverá ser mais poderoso que a morfina. E é uma planta tóxica, por isso a dosagem é muito importante. A dose diária de um grama, dividida em três, para os três períodos. Essa dose é do tamanho de uma cabeça de fósforo (IVONE, PROFESSORA EM FORMAÇÃO INICIAL).

Nesse sentido, consideramos que a ida ao herbário contribuiu para que os saberes tradicionais pudessem dialogar com os acadêmicos, pois apesar de serem saberes diferentes, ambos são formas de procurar entender e agir sobre o mundo, se fazendo constantemente abertas e inacabadas (CUNHA, 2017).

Considerações finais

A proposta de investigação teve como objetivo, por meio da pesquisa participante, analisar o processo de mediação de saberes tradicionais e acadêmicos entre um grupo de professores em formação inicial e raizeiras de comunidades quilombolas da Cidade de São Mateus, ES.

Os resultados evidenciaram que a pesquisa contribuiu para criar novas situações de interação, nas quais, os sujeitos foram se constituindo como copesquisadores pela escuta ativa e participação nas atividades, nas quais diferentes vozes puderam ser ouvidas. Os processos coletivos de investigação, com inserção de diferentes saberes, no contexto de formação inicial Diferença, multiculturalismo, interculturalidade

de professores, potencializaram diálogos interculturais que revelaram uma forma de interação entre os saberes tradicionais e acadêmicos na construção coletiva do conhecimento.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Notas do Seminário **Educação, Cultura e Memória: pesquisa participante**. Oficina ministrada pelo antropólogo Professor Carlos Rodrigues Brandão no primeiro semestre 2017 PPGE/UFES.
- CUNHA, Manoela Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. São Paulo: UBU Editora, 2017.
- CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.
- _____. **Das disciplinas à indisciplina**. Curitiba: Appris, 2016.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Comunidades Quilombolas no Estado do Espírito Santo: conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural. **Ruris**, v. 5, n 2, set, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.